



Lição 05

O início do cerco de Jerusalém

02 de Novembro de 2025

4º TRIMESTRE 2025

JOVENS

Murilo Alencar

Esboço Da Lição 05

Do 4º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A LIBERDADE EM CRISTO
Vivendo o Verdadeiro Evangelho conforme a Carta aos Gálatas

Domingo, 02 de novembro de 2025

O INÍCIO DO CERCO DE JERUSALÉM

INTRODUÇÃO

A história de Jerusalém à sombra de Babilônia revela a seriedade da aliança e a importância da obediência. Diante do povo, Deus colocou bênção e maldição, e Judá escolheu a maldição. As advertências de Jeremias foram claras, porém a nação se recusou a ouvir. O cerco não surgiu do acaso; resultou de anos de idolatria, injustiça e confiança em estratégias políticas sem temor do Senhor. Esta lição conecta o texto de Jeremias 21 com Deuteronômio 11.26 para mostrar que decisões morais têm consequências. Ao destacar as causas do cerco, aprendemos da fidelidade: arrependimento antes do juízo, justiça antes da crise, obediência antes da ruína. Quem escuta a Palavra encontra o caminho da vida. Preparados? Vamos juntos aprender a palavra de Deus.

TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES

²⁶Vejam, hoje lhes dou a escolha entre bênção e maldição! ²⁷Vocês serão abençoados se obedecerem aos mandamentos do Senhor, seu Deus, que hoje lhes dou, ²⁸mas serão amaldiçoados se rejeitarem os mandamentos do Senhor, seu Deus, afastando-se de seus caminhos e adorando deuses que vocês não conheciam. (Dt 11.26-28 NVT).

Texto paralelo:

— *Se vocês ouvirem atentamente a voz do Senhor, seu Deus, tendo o cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje lhes ordeno, o Senhor, seu Deus, exaltará vocês sobre todas as nações da terra. Se ouvirem a voz do Senhor, seu Deus, sobre vocês virão e os alcançarão todas estas bênçãos: [...] — Porém, se não derem ouvidos à voz do Senhor, seu Deus, deixando de cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos que hoje lhes ordeno, então virão sobre vocês e os alcançarão todas estas maldições: [...]. (Dt 28.1,2,15 NAA).*

— *Portanto, se vocês derem ouvidos a estes juízos, e os guardarem e cumprirem, o Senhor, seu Deus, guardará a aliança e a misericórdia prometida sob juramento aos seus pais. Ele os amará, os abençoará e fará com que vocês se multipliquem. Também abençoará os filhos de vocês, o fruto da terra, o cereal, o vinho, o azeite e as crias das vacas e das ovelhas, na terra que prometeu dar a vocês, conforme o juramento que fez aos seus pais. (Dt 7.12,13 NAA).*

Esses textos revelam o modo específico como Deus se relacionava com Israel na antiga dispensação. Fica em evidência a importância da obediência e a insensatez da desobediência. A relação entre bênção e maldição está diretamente associada ao cumprimento ou ao descumprimento da aliança mosaica.

Duas implicações necessárias:

1. Em primeiro lugar, Deus é fiel para cumprir sua Palavra: seja para abençoar ou para castigar. Gostamos muito do Deus que abençoa. Porém, o Deus que abençoa é o mesmo que disciplina.
2. Em segundo lugar, devemos ter cuidado na apropriação e aplicação de certas promessas do Antigo Testamento que foram dirigidas a pessoas e povos específicos. Neste caso, a promessa de bênção condicionada a obediência foi dirigida para o povo de Israel. Logo, não devemos supor que essa promessa deve se cumprir em nossas vidas de forma compulsória.

RESUMO DA LIÇÃO

O cerco babilônio contra Jerusalém foi o resultado da desobediência e rebeldia do povo contra o Senhor.

A recusa em ouvir os profetas e abandonar o pecado trouxe como consequência o juízo divino, demonstrando que todo afastamento não arrependido de Deus culmina em ruína e disciplina.

O texto bíblico é muito claro quanto a isso:

— O Senhor fará vir contra vocês uma nação de longe, que virá da extremidade da terra, como o voo impetuoso da águia, uma nação cuja língua vocês não entenderão, nação cruel, que não respeitará os velhos, nem terá piedade dos moços. Eles comerão o produto dos animais e da terra de vocês, até que vocês sejam destruídos. Eles não lhes deixarão cereal, vinho, azeite, nem as crias das vacas e das ovelhas de vocês, até que vocês sejam destruídos. Eles cercarão todas as cidades em que vocês moram, até que venham a cair, em toda a terra, as altas e fortes muralhas em que vocês confiavam; eles sitiaram vocês em todas as suas cidades, em toda a terra que o Senhor, seu Deus, lhes deu. Na angústia e no aperto em que vocês ficarão com o cerco dos seus inimigos, vocês comerão o fruto do seu ventre, isto é, a carne de seus filhos e de suas filhas, que o Senhor, seu Deus, lhes deu. (Dt 28.49-53 NAA).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. CONHECENDO A HISTÓRIA

1.1 Informações históricas.

A LIÇÃO DIZ: *O ministério profético de Jeremias se deu em um tempo díspar do nosso, por isso é importante conhecer alguns pontos históricos que são indispensáveis para uma compreensão melhor de suas profecias. Precisamos conhecer a respeito dos reis que ascenderam ao trono e os que foram destituídos deles.*

Jeremias exerceu o seu ministério em período geopolítico intenso e turbulento. O cabeçalho do livro fixa o quadro: a palavra de Deus veio ao profeta “nos dias de Josias, ... Jeoquim, ... e Zedequias”, até o exílio de Jerusalém, abrangendo também os reinados brevíssimos de Jeoacaz e Joaquim, ambos depostos por potências estrangeiras. Essa moldura indica que Jeremias atravessou a última fase do reino do Sul, Judá, até sua queda e deportação, e que o reino do Norte, Israel, já não existia como monarquia, tendo sido destruído pela Assíria mais de um século antes (Jr 1.1-3).

Sob Josias, Judá realizou reformas religiosas e teve uma tímida expressão política, em parte porque a Assíria declinava enquanto Babilônia e Média ascendiam. A morte de Josias em Megido, ao tentar impedir o

avanço de Faraó Neco II para socorrer a Assíria, encerrou abruptamente essa janela de esperança e trouxe o controle egípcio temporário sobre a nação: Jeoacaz foi levado ao Egito e Jeoaquim foi imposto no trono. Poucos anos depois, a batalha de Carquemis selou a supremacia babilônica e reorganizou o mapa do geopolítico. Daí em diante a política de Judá girou em torno de submeter-se ou rebelar-se contra Babilônia, questão à qual Jeremias respondeu com insistente realismo.

Do lado sul, portanto, os reis que marcaram o ministério do profeta foram Josias, Jeoacaz (também chamado Salum), Jeoaquim, Joaquim e Zedequias. Jeremias elogia a justiça de Josias, denuncia o despotismo de Jeoaquim, anuncia o exílio de Jeoacaz no Egito e declara o destino de Joaquim e Zedequias, compondo uma galeria régia que funciona como leitura teológica da história recente de Judá (Jr 22).

No plano internacional, Jeremias profetiza “sobre as nações e reinos”, e suas páginas espelham as forças que moldam o Crescente Fértil no fim do século VII e início do VI a.C. O mundo que cerca Judá vive a transição de uma Assíria em colapso para uma Babilônia em ascensão, com Média avançando a leste, o Egito tentando manter relevância ao oeste e, nas franjas do norte, povos citas e cimerianos compondo um pano de fundo inquieto. Na cronologia do livro, a vitória babilônica em Carquemis torna Babilônia a potência dominante por décadas; seus exércitos impõem deportações, vassalagens e, por fim, o cativeiro de Judá.

1.2 As duas primeiras invasões.

A LIÇÃO DIZ: *A invasão da Babilônia a Jerusalém nas datas previstas pelo profeta só pode ser bem compreendida considerando as três invasões.*

Em 605 a.C., após vencer o Egito na batalha de Carquemis, Nabucodonosor iniciou uma campanha de controle sobre o Levante (a região da Síria e Palestina). Durante essa ofensiva, Judá se rendeu sem resistência, e alguns jovens da corte real foram levados para a Babilônia — entre eles, Daniel, Hananias, Misael e Azarias (Dn 1.1–6).

Esse episódio é por vezes chamado de “primeira deportação” ou “primeiro cativeiro”, mas não houve cerco à cidade de Jerusalém. Trata-se de uma submissão pacífica, sem destruição, em que Judá apenas se tornou vassala da Babilônia e teve parte da elite administrativa removida.

Ordem	Referência Bíblica	Data Aproximada	Contexto Histórico	Enfoque Teológico
1	Jeremias 46.2	605 a.C.	Descreve a batalha de Carquemis, em que Nabucodonosor derrota o Egito e assume o controle da Síria-Palestina, abrindo caminho para dominar Judá.	Mostra o início da supremacia babilônica e o cumprimento dos anúncios de juízo de Jeremias.
2	Jeremias 25.1–11	605 a.C.	Jeremias profetiza no quarto ano de Jeoaquim, anunciando que Deus entregará Judá nas mãos da Babilônia por setenta anos.	Introduz a interpretação profética da invasão: é o juízo de Deus sobre o pecado persistente da nação.
3	Daniel 1.1–2	605 a.C.	Narra a primeira incursão babilônica a Jerusalém, quando Jeoaquim se submete e jovens da elite real são levados à Babilônia, entre eles Daniel.	Mostra que o Senhor entrega Judá; Deus usa o império babilônico como instrumento soberano de disciplina.
4	Jeremias 36.1–9	604 a.C.	Após Carquemis, Judá entra em pânico; Jeoaquim ainda resiste à mensagem profética. O povo proclama jejum público e Jeremias dita o rolo de juízo.	Revela a reação espiritual do povo: temor temporário, mas sem arrependimento verdadeiro.
5	2 Reis 24.1 (início)	604–601 a.C.	Jeoaquim se torna vassalo da Babilônia por três anos. Posteriormente, rompe o juramento e volta-se ao Egito, provocando o primeiro cerco (598/597).	Mostra o início da submissão política e, depois, a rebeldia que trará juízo mais severo.
6	Jeremias 45.1–5	604 a.C.	Jeremias consola Baruque, que teme o futuro da nação. O profeta confirma que Deus trará destruição, mas promete preservar os fiéis.	Reforça a dimensão espiritual da crise: Deus derruba orgulhos e preserva os humildes.

A segunda invasão babilônica representa o momento em que Nabucodonosor volta a Judá, não apenas como potência dominante, mas como executor do juízo divino anunciado por Jeremias. Ela é chamada de “segunda invasão” porque sucede à primeira entrada da Babilônia em 605 a.C., quando Jerusalém apenas se rendeu e parte da elite, incluindo Daniel, foi deportada sem resistência (Dn 1.1–2). Agora, porém, o império retorna em resposta à rebelião de Jeoaquim, que havia rompido o juramento de lealdade feito a Nabucodonosor (2Rs 24.1–2).

Essa nova intervenção é considerada também o primeiro cerco efetivo de Jerusalém, pois, diferentemente do episódio de 605, há operação militar direta contra a cidade, com bloqueio, rendição e deportação em massa. O cerco começou no final de 598 a.C., quando tropas caldeias cercaram Jerusalém. Nesse contexto, Jeoaquim morreu, provavelmente durante o cerco, e foi sucedido por seu filho Joaquim (Jeconias), um jovem de dezoito anos (2Rs 24.6–8; 2Cr 36.8–9).

O cerco durou poucos meses. Quando Nabucodonosor chegou pessoalmente a Jerusalém, Joaquim percebeu a inutilidade da resistência e se rendeu voluntariamente, entregando-se junto com sua mãe, príncipes e oficiais (2Rs 24.12). A crônica babilônica confirma que a rendição ocorreu no 2º dia do mês de Adar, equivalente a 15/16 de março de 597 a.C., no sétimo ano de Nabucodonosor.

Embora não tenha havido destruição total, o resultado foi severo: os tesouros do templo e do palácio foram saqueados, e houve uma deportação seletiva, cerca de 10 mil pessoas, entre nobres, guerreiros, artífices e ferreiros (2Rs 24.14–16). Essa estratégia visava dismantelar a estrutura política e militar de Judá, reduzindo-a à submissão plena. Entre os exilados estava o profeta Ezequiel, que iniciou seu ministério na Babilônia cinco anos depois (Ez 1.1–3).

Nabucodonosor, então, nomeou Matanias, tio de Joaquim, como novo rei, mudando-lhe o nome para Zedequias (2Rs 24.17). Essa mudança de nome simbolizava submissão e dependência do poder babilônico. Jerusalém passou a viver uma paz tensa e vigiada, sustentada por um trono enfraquecido.

Jeremias interpretou essa deportação como disciplina e não destruição. Em Jeremias 24, a visão dos figos bons e ruins mostra que os deportados eram, paradoxalmente, os “figos bons”, o grupo que Deus estava purificando e preservando para o futuro restauro, enquanto os que permaneceram na terra, mas continuaram rebeldes, eram os “figos ruins”, destinados a juízo ainda mais severo. Assim, o primeiro cerco revela o juízo corretivo de Deus, que começa a afastar o povo de seus falsos apoios e a preparar um remanescente fiel no exílio.

Ordem	Referência Bíblica	Data Aproximada	Contexto Histórico	Enfoque Teológico
1	2 Reis 24.1–2	601–600 a.C.	Após três anos de vassalagem, Jeoaquim se rebela contra Nabucodonosor, confiando em apoio egípcio. O Senhor envia tropas de várias nações contra Judá.	A rebelião política expressa rebeldia espiritual; Deus levanta nações para executar o juízo anunciado.
2	Jeremias 22.13–19	600 a.C.	Jeremias denuncia a injustiça de Jeoaquim, sua opressão e autoconfiança. O profeta anuncia que ele morrerá sem honra.	O juízo de Deus começa pela corrupção da liderança; o rei injusto não escapa da sentença divina.
3	2 Reis 24.6–8; 2 Crônicas 36.8–9	Dezembro de 598 a.C.	Jeoaquim morre durante o cerco; seu filho Joaquim (Jeconias) assume o trono aos 18 anos e reina apenas três meses e dez dias.	A sucessão apressada e a juventude do rei revelam a fragilidade política e a urgência do juízo.
4	2 Reis 24.10–12	Início de 597 a.C.	Exército babilônico cerca Jerusalém; Joaquim se rende voluntariamente a Nabucodonosor, entregando-se com sua corte.	A rendição mostra que o juízo de Deus é irresistível; a submissão é o único caminho para preservação.
5	2 Reis 24.13–16; 2 Crônicas 36.10	Março de 597 a.C.	Nabucodonosor saqueia o templo e o palácio, levando 10 mil cativos, incluindo o rei, nobres, oficiais e artífices.	A deportação é ato disciplinar de Deus; Ele remove a elite para purificar o povo e cumprir Sua palavra.

Ordem	Referência Bíblica	Data Aproximada	Contexto Histórico	Enfoque Teológico
6	Jeremias 24.1–10	Logo após 597 a.C.	Jeremias tem a visão dos figos bons e ruins: os deportados são “bons”, e os que ficaram são “ruins”.	O exílio é visto como instrumento de restauração, e não de destruição; Deus trabalha entre os cativos.
7	Ezequiel 1.1–3	593 a.C. (5º ano do exílio de Joaquim)	Ezequiel inicia seu ministério na Babilônia, entre os cativos.	Mesmo em terra estrangeira, a presença de Deus continua; o juízo abre caminho para nova revelação.

1.3 A terceira invasão.

A LIÇÃO DIZ: *Depois do rápido e trágico governo de Joaquim (2 Cr 36.9). Nabucodonosor estabeleceu Zedequias como rei de Judá (2 Cr 36.10.11). Zedequias não agradou a Deus e nem se submeteu à sua palavra (2 Cr 36.12) e sua arrogância o levou a se rebelar contra Nabucodonosor (2 Cr 36.13). O seu mau governo contribuiu com o aumento do pecado do povo (2 Cr 24.14). Deus havia falado, cerca de 150 anos antes de Zedequias que, tanto as riquezas de Judá quanto os seus filhos seriam levados para a Babilônia (Is 39.6.7). Ao longo deste tempo, o Senhor enviou profetas, chamando o povo ao arrependimento para escaparem deste mal, mas a dureza de seus corações culminou com a destruição de Jerusalém (2 Cr 36.15-21).*

A terceira invasão da Babilônia marca o fim definitivo do reino de Judá e a destruição de Jerusalém e do templo. Ela é chamada de segundo cerco, porque foi o segundo ataque direto contra a cidade, o primeiro havia ocorrido em 598–597 a.C. (2Rs 24.10–17). O cenário político e espiritual do período explica por que esse desastre foi inevitável.

Após o primeiro cerco, Nabucodonosor havia instalado Zedequias como rei-títere em Jerusalém (2Rs 24.17). Durante os primeiros anos de seu reinado, ele manteve uma postura de submissão, mas, influenciado por embaixadores estrangeiros e profetas falsos, começou a flertar com a ideia de rebelião. Jeremias, em nome do Senhor, advertiu repetidas vezes que resistir à Babilônia seria o mesmo que resistir ao próprio Deus (Jr 27.1–15; 28.10–17).

Mesmo assim, por volta de 589 a.C., Zedequias rompeu o juramento de lealdade feito a Nabucodonosor (2Rs 24.20; Ez 17.13–19). Essa decisão precipitou a terceira invasão. Nabucodonosor reagiu imediatamente, mobilizando seu exército contra Jerusalém. O cerco começou no décimo mês do nono ano de Zedequias, isto é, em janeiro de 588 a.C. (Jr 52.4; 2Rs 25.1).

A cidade foi completamente cercada, e a fome começou a devastar o povo. Em meio ao desespero, o Egito tentou intervir: o faraó Hófra (Apries) enviou tropas, forçando os babilônios a suspender o cerco temporariamente (Jr 37.5–10). Esse breve alívio alimentou falsas esperanças entre os líderes de Judá, que acreditaram em livramento político. Jeremias, porém, anunciou com firmeza que os caldeus retornariam e completariam a destruição, pois o juízo de Deus não poderia ser revertido.

O cerco foi retomado e se estendeu por cerca de dezoito meses, até o quarto mês do décimo primeiro ano de Zedequias, correspondente a julho de 586 a.C. (Jr 52.6–7). Quando a fome atingiu seu ápice, uma brecha foi aberta no muro, e Zedequias tentou fugir de noite, mas foi capturado nas planícies de Jericó (Jr 39.4–5; 2Rs 25.4–5). O rei foi levado a Ribla, onde seus filhos foram mortos diante dele, e seus olhos vazados antes de ser levado cativo para a Babilônia (2Rs 25.6–7).

Em seguida, o comandante Nebuzaradã, servo de Nabucodonosor, entrou em Jerusalém e incendiou o templo, o palácio e todas as casas importantes. Os muros foram derrubados, e o restante do povo foi levado em cativeiro, exceto os mais pobres, que permaneceram para cultivar a terra (2Rs 25.8–12; Jr 52.12–16). Essa tragédia consumou o juízo de Deus sobre a nação e encerrou o período monárquico de Judá.

Em síntese, o segundo cerco (588–586 a.C.) representa o juízo consumidor. Enquanto o primeiro havia sido corretivo, este foi definitivo: Jerusalém foi queimada, o templo profanado, e o povo levado ao exílio completo.

Ainda assim, a fidelidade de Deus resplandece, pois da ruína de Jerusalém brota a esperança do retorno e da nova aliança.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. O INÍCIO DO CERCO E AS SUAS CAUSAS

2.1 Doença sem remédio.

A LIÇÃO DIZ: *As mensagens do profeta Jeremias, de advertência, exortação e chamado ao arrependimento, não despertaram a consciência cauterizada daquele povo. Diante da rejeição divina, Judá ficou exposta, pois Zedequias rebelou-se contra o rei de Babilônia, resultando na invasão e na destruição de Jerusalém pelos babilônios (2 Rs 24.20; 25.1-4). O povo não só rejeitou a mensagem dos profetas, mas também os maltratou, ao ponto de não haver remédio para tal situação (2 Cr 36.15.16).*

Três que podem ser destacados:

- 2.1.1 Aviso. Em primeiro lugar, percebe-se que Deus não deixou Judá sem aviso. A Bíblia afirma que o Senhor enviou “madrugando e enviando” os seus mensageiros, numa insistência amorosa para arrancar o povo da idolatria e reconduzi-lo à aliança (2Cr 36.15–16). Contudo, a paciência divina encontrou resistência: a palavra que deveria curar foi rejeitada, e o ouvido que deveria ouvir se fechou. A história, então, caminhou para um ponto de não retorno, até “não haver remédio” (2Cr 36.16; cf. Jr 7.23–28). Devemos atender aos avisos dados por Deus e não endurecer o nosso coração.
- 2.1.2 Rebelião. Em segundo lugar, compreende-se que a rebelião de Zedequias contra o rei da Babilônia não foi um mero erro estratégico, mas uma expressão visível de seu coração rebelado contra o governo de Deus. A insubmissão espiritual gerou insensatez política. Desprezando a palavra profética, Zedequias levou a cidade a um caminho de cerco, fome, brecha e queda (2Rs 25.1–4; Jr 52.1–11). A narrativa bíblica mostra que a desobediência e a rebelião promovem toda sorte de males, inclusive a destruição.
- 2.1.3 Apelo. Quando o Senhor fala, a resposta humana é decisiva. Deus levará em conta a nossa decisão de obedecer-lo ou desobedece-lo. Que fique claro: nossa escolha acarretará em consequências, boas ou más. Além disso, precisamos entender que o endurecimento não começa de súbito, mas com pequenas recusas que, acumuladas, fecham o coração. Por isso, o chamado divino é à conversão prática: ouvir e obedecer, crer e agir. Jeremias adverte que quem resiste ao apelo constante de Deus caminha, passo a passo, para a própria ruína (Jr 3.22; 6.16–19; 7.5–7).

2.2 Boa ação, más intenções.

A LIÇÃO DIZ: *Deus falou ao seu povo dizendo: “Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações” (Jr 17.10). Este texto descreve a relação entre intenção do coração e a prática, reafirmando que para Deus, tanto a motivação quanto a obra são igualmente importantes, afinal Deus conhece pensamentos e intenções. No início da invasão babilônica em Jerusalém é possível identificar duas boas ações do rei Zedequias: consultou ao Senhor por intermédio do profeta Jeremias (Jr 21.1,2) e buscou socorro em Deus (Jr 37.1-3). No entanto Jeremias diz que: “Mas nem ele, nem os seus servos, nem o povo da terra deram ouvidos à palavra do SENHOR” ... Essa verdade revela que as motivações do rei não estavam alinhadas às suas ações, e isso não agradou a Deus e confirmou a ausência de genuíno arrependimento.*

O texto de Jeremias 17.10 estabelece o princípio que governa toda avaliação divina: “Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações”. Aqui, o profeta mostra que Deus julga a integridade interior e exterior do ser humano, não apenas o que se faz, mas o porquê se faz. Diante dEle, a intenção e a obra estão entrelaçadas, pois ambas revelam o caráter moral da fé.

Essa verdade se torna visível na figura de Zedequias, o último rei de Judá. À primeira vista, ele parece agir corretamente: consulta o Senhor por meio de Jeremias (Jr 21.1–2) e busca a intervenção divina em meio à crise (Jr 37.1–3). Contudo, o próprio profeta declara que “nem ele, nem os seus servos, nem o povo da terra deram ouvidos à palavra do SENHOR” (Jr 37.2). A distância entre a consulta e a obediência revela a duplicidade do coração real. Zedequias não buscava direção para se submeter, mas para tentar validar seus próprios planos.

Implicações:

1. A espiritualidade se mede pela coerência. Buscar a Deus apenas em momentos de crise, sem disposição de obedecer, é repetir o erro de Zedequias.
2. Toda oração é um ato de submissão. Falar com Deus implica disposição para mudar. (Tg 1.22).
3. A intenção molda o valor da ação. Mesmo boas obras perdem sentido quando surgem de um coração dividido. Deus pesa não só o gesto, mas a motivação que o sustenta (1Sm 16.7; Pv 21.2).

2.3 Falta de arrependimento.

A LIÇÃO DIZ: *As palavras “se tu voltares, então, te trarei, e estarás diante da minha face” (Jr 15.19) reflete a ênfase do ministério de Jeremias, pois, por meio dele, Judá foi chamado ao arrependimento.*

O verbo “voltar” exprime a ideia central de arrependimento como retorno à presença de Deus, isto é, reconhecer o erro, abandonar o pecado e restaurar a comunhão perdida. Toda a mensagem do profeta está construída sobre esse apelo: voltar-se ao Senhor antes que o juízo se complete.

Entretanto, essa disposição de retornar faltou a Zedequias e ao povo de Judá. O texto mostra que, mesmo diante das advertências constantes e do avanço iminente da Babilônia, não houve arrependimento. O rei e seus conselheiros não se humilharam diante da palavra, e o povo, dominado pela autoconfiança e vaidade, resistiu ao

chamado divino. Jeremias descreve uma nação que, mesmo vendo o juízo aproximar-se, preferiu endurecer o coração.

Implicações:

1. Arrependimento é retorno, não discurso. Voltar-se para Deus exige mudança de direção, e não apenas confissão verbal. A restauração começa quando o coração se curva diante da verdade (Is 55.7).
2. Quem rejeita a correção endurece o coração. A resistência constante à voz de Deus conduz ao mesmo destino de Judá: a perda da sensibilidade espiritual (Hb 3.15).
3. A restauração é promessa condicional. A palavra de Deus é clara: “Se voltares, te trarei”. O perdão é certo, mas requer resposta sincera. O Senhor acolhe quem se volta, mas disciplina quem persiste na autossuficiência (Pv 28.13).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. PREVENIR É MAIS SÁBIO DO QUE REMEDIAR

3.1 Uma triste realidade.

ALIÇÃO DIZ: *Diante da iminente invasão dos babilônios em Jerusalém, há uma significativa mudança, pois, antes disso Jeremias era visto indo até o rei e ao povo para entregar-lhes a mensagem de Deus, mas agora é o rei quem envia representantes ao profeta, a fim de consultá-lo (Jr 21.1.2). Certamente havia esperança em Zedequias de que teria uma resposta positiva vinda do profeta, contudo, a resposta divina pôs fim a toda esperança, aliás, eles esperavam ter o Senhor como aliado, mas o que tiveram de ouvir foi: “Eu pelejarei contra vós com mão estendida, e com braço forte, e com ira, e com indignação, e com grande furor” (Jr 21.5). Além da palavra de que Deus seria contra Judá, o rei teve que ouvir a notícia de que a Babilônia seria o instrumento contra eles, ao ponto de Nabucodonosor: chamado pelo próprio Deus de seu “servo” (Jr 27.6).*

Com a aproximação do exército babilônico, a narrativa em Jeremias assume um tom decisivo. Até então, o profeta era quem se dirigia ao palácio para advertir o rei e o povo acerca do juízo divino. Agora, porém, o movimento se inverte: é o rei Zedequias quem envia mensageiros ao profeta, pedindo uma palavra do Senhor (Jr 21.1–2). O rei que antes ignorava a mensagem agora depende dela, não por fé, mas por necessidade.

Zedequias esperava ouvir uma resposta favorável, talvez uma repetição do livramento ocorrido nos dias de Ezequias, quando o Senhor interveio contra os assírios (2Rs 19.35). Contudo, a resposta de Deus veio em direção oposta: “Eu pelejarei contra vós com mão estendida, e com braço forte, e com ira, e com indignação, e com grande furor” (Jr 21.5). A mesma força que outrora defendera Jerusalém agora se voltava contra ela. O profeta revela, assim, que Deus não age em favor de um povo que persiste na desobediência.

Jeremias declara que Nabucodonosor, rei da Babilônia, seria o “servo” do Senhor (Jr 27.6). O título é teologicamente provocativo: o monarca pagão, inconsciente de sua missão, cumpre os desígnios do Deus de Israel.

Implicações:

1. Deus não se alia ao pecado de seu povo. A presença divina não é incondicional; o mesmo braço que salva também julga (Is 59.1–2; Jr 21.5).
2. A soberania de Deus é absoluta. Quando até Nabucodonosor é chamado de “servo do Senhor”, compreende-se que nenhum poder humano escapa à direção do propósito divino (Dn 2.21; Rm 9.17).

3.2 Aprendendo com a história.

A LIÇÃO DIZ: *Toda a Bíblia é fonte de ensino, sendo assim, olhar para a história é uma das formas de se corrigir erros, evitar desvios e cumprir a sua missão com fidelidade. A igreja na atualidade precisa atentar, com temor e reverência, para os erros de Israel e as suas tristes consequências, em especial para aquilo que causou a indignação divina e resultou na sua permissão da invasão babilônica em Jerusalém. A igreja dos dias atuais deve orar e combater a mornidão espiritual e o pecado.*

Toda a Escritura foi preservada como fonte de ensino e correção (2Tm 3.16). Olhar para a história de Israel é contemplar um espelho que reflete tanto a fidelidade de Deus quanto as consequências da infidelidade humana. Assim como o apóstolo Paulo declarou que “estas coisas aconteceram como exemplo e foram escritas para advertência nossa” (1Co 10.11).

A igreja contemporânea deve aprender com os erros de Israel, evitando repetir a mesma sequência de afastamento: orgulho, resistência à Palavra e perda da sensibilidade espiritual. O que provocou a ira divina sobre Jerusalém não foi a fraqueza, mas a persistência deliberada no pecado e a rejeição da correção.

Por isso, a igreja dos dias atuais é chamada a vigiar e orar (Mt 26.41), combatendo toda forma de mornidão espiritual e de acomodação diante do pecado. A fidelidade não se mantém por inércia; requer arrependimento constante, zelo pela verdade e submissão à vontade de Deus. O mesmo Senhor que disciplinou Israel continua santo e justo, e espera de Seu povo hoje a mesma resposta que exigiu ontem: ouvir, obedecer e perseverar na comunhão com Ele.

3.3 Obras a serem lembradas.

A LIÇÃO DIZ: *Jeremias sabia da importância das boas lembranças como fonte renovadora da esperança da nação (Lm 3.21). Ele conclamou o povo a que se lembrasse das obras gloriosas que Deus realizou ao longo de sua história, mas em vão, pois o povo não lhe deu ouvidos (Jr 2). Embora com o coração distante de Deus, o rei Zedequias enviou dois mensageiros, para consultarem o profeta Jeremias sob o argumento de que, possivelmente, o Senhor operaria as suas obras poderosas em favor de seu povo, com base nos seus feitos passados (Jr 21.2). Como se percebe, não houve sinceridade nas palavras do rei. No entanto, o uso da lembrança das obras do Senhor reforça a ideia de que este é um recurso importante a ser utilizado pelo povo de Deus. Alguns Salmos convocam o povo se lembrar de um passado marcado pelas grandes obras do Senhor (Sl 105-107: 111). A igreja da atualidade é convidada a lembrar-se sempre das grandes obras que Deus realizou em sua história e a clamar por restauração naquilo que a Palavra mostrar ser necessário (Sl 74. 77. 79 e 80).*

Em meio à devastação da cidade e à perda de tudo o que era visível, Jeremias aprendeu a encontrar esperança na lembrança. Ele declara: “Quero trazer à memória o que me pode dar esperança” (Lm 3.21). Em um cenário de ruína e desolação, o profeta compreendeu que a fé não se alimenta das circunstâncias, mas da recordação das obras de Deus. Lembrar é um ato espiritual: é reorientar o coração para o caráter e as promessas do Senhor.

Implicações:

1. A lembrança deve conduzir à obediência, não à nostalgia. Relembrar as obras do Senhor é reconhecer que Ele continua ativo na história e exige do Seu povo o mesmo compromisso de santidade e fidelidade (Sl 105.5).
2. A igreja precisa cultivar a memória da graça. Lembrar-se do que Deus já fez fortalece a confiança no que Ele ainda fará.

CONCLUSÃO

O cerco de Jerusalém revela mais do que um fato histórico; mostra a gravidade da desobediência e a fidelidade de Deus em cumprir Sua Palavra de juízo. As ruínas da cidade testemunham que o pecado não tratado produz colheitas inevitáveis. O mesmo Deus que advertiu Israel continua falando hoje por meio das Escrituras, chamando Seu povo ao arrependimento antes do juízo, à fidelidade antes da crise e à obediência antes da ruína.

Que cada cristão busque andar em aliança com Deus, servindo-O com pureza e perseverança, para que o mesmo Senhor que julgou Jerusalém seja hoje reconhecido como o Deus que perdoa, restaura e permanece fiel às Suas promessas.

ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HAYS, J. Daniel. **Jeremias e Lamentações**. Série Comentário Expositivo. São Paulo: Vida Nova, 2024.

MACKAY, John L. **Comentário do Antigo Testamento: Lamentações**. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

THOMPSON, J. A. **O comentário de Jeremias**. 1. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2022.

DEARMAN, J. Andrew. **Jeremiah and Lamentations**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. (The NIV Application Commentary).